

Oriente, engenho e arte: imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste, organização de Hélder Garmes

DÉBORA LEITE DAVID
Universidade de São Paulo

s séculos XV e XVI representaram um período de extraordinária impulsão da exploração marítima no globo terrestre, em função da necessidade de expansão econômica da Europa.

A produção agrícola escassa que impôs a fome para grande parte da população, a decadência econômica da nobreza, o encarecimento das mercadorias vindas do Oriente e a falta de metais preciosos para a emissão de moeda foram os elementos provocadores desta busca incansável por oportunidades em novas terras.

A solução para as mazelas que assolaram o território europeu concentrou-se na tentativa de encontrar novos caminhos para o Oriente, estabelecendo-se rotas alternativas àquelas conhecidas até o momento. Podemos dizer que dois fatores foram preponderantes para o sucesso da expansão marítima.

De um lado tínhamos a consolidação de uma burguesia mercantil interessada em ampliar os seus lucros e um Estado fortalecido pela centralização do poder monárquico, como Portugal, Espanha e Inglaterra. De outro lado, aparecia a perfeita justificativa ideológica legitimadora das novas conquistas: uma pretensa vocação missionária para a catequização dos povos infiéis.

Na esteira desta política expansionista, Portugal formou impérios ultramarinos através da colonização de territórios da África, da Ásia e da América.

Os portugueses alcançaram posição de destaque na expansão marítima graças ao sucesso na busca de novas tecnologias de navegação, como o aperfeiçoamento da bússola e a modernização da cartografia. Desta forma, pre-

tendiam garantir o monopólio do comércio através de caminhos alternativos para o Oriente.

A primeira conquista marítima portuguesa foi Ceuta (1415), um dos mais importantes portos africanos, ao norte do Marrocos. A partir desta primeira proeza, Bartolomeu Dias contorna o cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano em 1488, e Vasco da Gama chega às Índias Orientais (Calicute) em 1498.

Em pleno século XXI, embora a presença da língua portuguesa no Oriente não seja tão marcante como ocorreu à época da expansão marítima – quando chegou a obter até mesmo o estatuto de língua oficial para as atividades mercantis naquela região – é possível encontrar uma significativa produção literária e de imprensa que indicam a sua sobrevivência em territórios conquistados pelos portugueses na Ásia.

Na busca de traços de uma perenidade destes caminhos cortados em direção ao Oriente temos o lançamento deste volume de ensaios (São Paulo, 2004), *Oriente, engenho e arte – imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste*, organizado por Hélder Garmes, docente de pós-graduação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Estes textos críticos reunidos representam mais um valoroso título da Coleção Via Atlântica, com a edição da Alameda Casa Editorial, que permite ao leitor o acesso às produções científicas dos estudiosos das literaturas de língua portuguesa.

Neste título encontramos coligidos os ensaios de alguns destes estudiosos como o próprio organizador Hélder Garmes, além de Benjamin Abdala Júnior, Regina Célia Fortuna do Vale, Benilde Justo Caniato e Mônica Simas, que proporcionam aos leitores a aproximação da história da imprensa e da produção literária em Goa, Macau e Timor Leste, do período compreendido entre os séculos XV e XX, através de suas perspectivas críticas.

A coletânea de ensaios é apresentada por Benjamin Abdala Júnior que destaca a sua importância em abordar expressivos subsídios da imprensa e das literaturas de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste aos estudiosos dessas literaturas e ao público em geral.

Na Introdução realizada por Hélder Garmes, vislumbramos uma síntese dos aspectos teóricos e críticos abordados ao longo dos textos, bem como a exposição dos objetivos da organização desta coletânea que remete ao des-

taque dos espaços literários marginais no âmbito da reflexão literária contemporânea no Brasil.

Apesar de encontrarmos em algumas universidades do território nacional o exercício do estudo comparativo que contempla as literaturas africanas de língua portuguesa, não existe o mesmo interesse pela produção literária das ex-colônias portuguesas do Oriente. Assim, na tentativa de consolidar um novo paradigma na reflexão sobre a condição literária das ex-colônias portuguesas, ou pelo menos, ressaltar a existência de literatura naquelas localidades, esta coletânea de ensaios apresenta-se como relevante iniciativa no panorama crítico-literário brasileiro.

Compõem ainda a coletânea cinco ensaios que se seguem à Introdução: “Origem e estabelecimento da imprensa e da literatura em Goa”, de Hélder Garmes, “Breve esboço da literatura de Goa em língua portuguesa contemporânea”, de Regina Célia Fortuna do Vale, “Timor, nos horizontes da língua portuguesa”, de Benjamin Abdala Júnior, “Macau, história e cultura”, de Benilde Justo Caniato, e “*identidade e memória no espaço literário de língua portuguesa em Macau*”, de Mônica Simas.

Hélder Garmes, em seu ensaio “Origem e estabelecimento da imprensa e da literatura em Goa”, nos mostra a importância que a atividade da imprensa teve na formação de um certo público leitor presumível nas colônias portuguesas desde a chegada em 1556 da primeira prensa em território ultramarino, mais precisamente em Goa. A impressão tipográfica era desconhecida em muitos destes lugares e a sua expansão ocorreu por intermédio dos jesuítas portugueses, permitindo a publicação de obras históricas, literárias e o crescimento da produção periódica não apenas em língua portuguesa, mas também em línguas locais. O referido artigo contempla, outrossim, a trajetória do periódico e da obra de ficção nas ex-colônias portuguesas e seu público leitor, notadamente em Goa.

A seguir temos “Breve esboço da literatura de Goa em língua portuguesa contemporânea”, de Regina Célia Fortuna do Vale, que nos traz notícias da história da literatura goesa iniciada pela apresentação do autor Adeodato Barreto (1905-1937) cuja obra poética é considerada por críticos como Filinto Dias e Orlando da Costa, como um marco na decolagem das formas acadêmicas e dos cânones estabelecidos, afirmado a *cultura goesa* frente à dominação colonial através de uma possível “goanidade”. Neste compasso, a

ensaísta analisa a produção poética goesa no decorrer do século XX, além de apresentar um quadro da produção romanesca em Goa desde o seu surgimento na segunda metade do século XIX até o final do século XX.

Benjamin Abdala Júnior, em seu artigo “Timor, nos horizontes da língua portuguesa”, nos fala a respeito da situação da língua portuguesa no território timorense. Apesar de representar um elemento de força e imposição do colonizador português, contemporaneamente o idioma tornou-se uma forma de expressão libertária contra as barbáries perpetradas pela ditadura estabelecida pela Indonésia no Timor Leste. Chamada de “língua de *cultura*” dos textos oficiais e de circulação impressa, ainda que impropriamente, a língua portuguesa utilizada no Timor foi, desde sempre, matizada pela língua local, e hoje é tomada como uma manifestação simbólica da *identidade* nacional timorense. O ensaio segue com a análise da obra de alguns autores como Xanana Gusmão, presidente eleito do Timor Leste desde 2002, Fernando Sylvan e Artur Marcos.

O ensaio “Macau, história e *cultura*”, de Benilde Justo Caniato, é preciosa colaboração de uma das pioneiras no Brasil a dedicar-se ao estudo das literaturas africanas e das ex-colônias portuguesas do Oriente. Neste artigo, a ensaísta nos proporciona um vasto panorama sobre a história e a *cultura* macaenses, apresentando inicialmente a etimologia da palavra Macau. A partir da exposição da trajetória histórica das incursões portuguesas em território chinês pontuada pela conquista de Malaca em 1511 e pela fixação permanente dos portugueses em Macau no ano de 1557, deparamo-nos com as relações mantidas entre a *cultura* portuguesa e a denominada “euro-asiática” existente na ex-colônia. O ensaio também contempla a importância da língua portuguesa em Macau, bem como a literatura de temática macaense.

Mônica Simas, em seu ensaio “*identidade* e memória no espaço literário de língua portuguesa em Macau”, analisa detidamente as questões das identidades plurais existentes na ex-colônia portuguesa através de perspectivas teóricas e críticas como a “farsa colonial” de Homi K. Bhabha, e outras concernentes à ambivalência do discurso colonial encontradas em *Orientalismo*, de Edward W. Said. A partir das primeiras discussões teóricas, a ensaísta expõe os caminhos percorridos por intelectuais e escritores macaenses contemporâneos como Luís Gonzaga Gomes, José dos Santos Ferreira (Adé) e Henrique de Senna Fernandes que reorientam suas atividades e produções

privilegiando uma *cultura* macaense própria, afastada dos principais modelos de formação representados pelas culturas chinesa e portuguesa.

Ao fim da leitura da referida coletânea é possível perceber a importância da necessidade de se refletir comparativamente acerca do processo colonial encontrado em cada uma das ex-colônias portuguesas. Muito embora as técnicas de dominação colonial levada a cabo pelos portugueses tenham sido similares até certo ponto em espaços geográficos e culturais distintos, peculiaridades de cada um foram ressaltadas, suplantando qualquer tentativa de homogeneização cultural.

Destacaram-se nos ensaios desta coletânea formulações híbridas próprias vislumbradas através da compreensão do significado artístico e cultural das produções existentes nas ex-colônias portuguesas do Oriente. Por este traçado imaginário proposto pelos autores, desvelam-se os novos caminhos necessários para o redescobrimento das literaturas de língua portuguesa.